

Poesia e espontaneidade criadora

Numa época de imperialismos ideológicos em que de todos os lados se pretende arregimentar os homens e em que estes, por seu turno, procuram a sua segurança nas diversas formas de paternalismo, em que aliviadamente possam abdicar da sua personalidade, a poesia, por muito restrito que se afigure o seu âmbito, constitui actualmente uma verdadeira potência regeneradora. Não se pode viver plena e produtivamente sem espontaneidade criadora e a poesia é a actividade mais qualificada em que esta se manifesta; a vida sem essa potência, sem o exercício de autonomia integrante que só a função poética lhe pode permitir, abastarda-se, anquilosa-se, ou o que é pior, recai nas formas mais vis da destrutividade e da desumanização. O homem que procura unir-se aos outros exclusivamente, por intermédio de uma ideologia, cria uma relação artificial extremamente perigosa, pois automaticamente é levado a desprezar e hostilizar os que não partilham das suas crenças na medida precisamente em que se despersonaliza e sufoca em si todo o impulso criador. É este conceito degradante de *sacrifício* que as místicas partidárias têm posto em voga. Esta é a falsa e destrutiva *unificação* que o poeta condena. O grande psicanalista Erich Fromm diz-nos do perigo que resulta deste sacrifício da personalidade: “A vida tem um dinamismo interior próprio, tende a crescer, a ser exprimida, a ser vivida. Parece que, se esta tendência é contrariada, a energia dirigida para a vida sofre um *processus* de decomposição e transforma-se em energia de destruição... quanto mais a vida é contrariada, mais forte é a impulsão para a destruição”.

[...]

O poeta tem o dom de ultrapassar o nível de consciência reflexiva e de se instalar, por momentos, na consciência profunda ao nível da espontaneidade criadora, onde as energias naturais se desencadeiam na linguagem antes de qualquer conceptualização.

Poema de António Ramos Rosa

Não posso adiar o amor

Não posso adiar o amor para outro século
não posso
ainda que o grito sufoque na garganta
ainda que o ódio estale e crepite e arda
sob as montanhas cinzentas
e montanhas cinzentas

Não posso adiar este braço
que é uma arma de dois gumes amor e ódio

Não posso adiar
ainda que a noite pese séculos sobre as costas
e a aurora indecisa demore
não posso adiar para outro século a minha vida
nem o meu amor
nem o meu grito de libertação

Não posso adiar o coração.

Bibliografia:

ROSA, António Ramos (1986). *Poesia Liberdade Livre*. Aveiro: Ulmeiro